

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

PRISCILA JUNKES

**OS BENEFÍCIOS DA IMPLANTAÇÃO DA FERRAMENTA FLUXO DE CAIXA
COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE FINANCEIRO EM UMA INDÚSTRIA
TEXTIL DE SANTA CATARINA.**

CRICIÚMA

2013

PRISCILA JUNKES

**OS BENEFÍCIOS DA IMPLANTAÇÃO DA FERRAMENTA FLUXO DE CAIXA
COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE FINANCEIRO EM UMA INDÚSTRIA
TEXTIL DE SANTA CATARINA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. Esp. Clayton Schueroff

CRICIÚMA

2013

PRISCILA JUNKES

**OS BENEFÍCIOS DA IMPLANTAÇÃO DA FERRAMENTA FLUXO DE CAIXA
COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE FINANCEIRO EM UMA INDÚSTRIA
TEXTIL DE SANTA CATARINA.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Contabilidade Gerencial.

Criciúma, 27 de Novembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Clayton Schueroff - Esp. - Orientador

Prof. Ademir Borges – Esp. – Examinador 1

Prof. – Dourival Giassi – Esp. Examinador 2

Dedico este trabalho a todas as pessoas que apostaram na minha competência e me apoiaram em todos os momentos desta graduação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me deu o dom da vida, o amor de meus familiares e o carinho de todos os meus amigos. Com fé em Deus cheguei hoje até aqui, para realizar mais essa conquista em minha vida.

Agradeço aos meus pais que sempre me incentivaram aos estudos, para que tivesse uma boa profissão para garantir um futuro melhor. Tudo que sou devo a eles, agradeço por muitas vezes abrirem mão de muitas coisas para dar para mim e meus irmãos o estudo necessário.

Agradeço ao meu marido Vitor que mesmo nos momentos difíceis estava ao meu lado, dizendo-me “não desista amor, isso tudo vem em recompensa em nosso futuro.” E a nossa filha Rafaela que me fez pensar em seguir em frente, para poder lhe garantir uma vida melhor.

Agradeço a minha grande amiga Susane, que me ajudou muito, pois fiquei afastada da sala de aula durante essas duas últimas fases e ela me passava o conteúdo.

Agradeço ainda ao meu orientador Clayton Schueroff, por clarear meus caminhos com sabedoria e conhecimento, durante todo este processo, o agradeço ainda, pela disponibilidade que sempre possuiu em me auxiliar neste processo de orientação.

Sem estas pessoas, o alcance deste sonho não teria sido possível, agradeço a todos do fundo do meu coração.

**“A mente que se abre a uma nova idéia
jamais voltará ao seu tamanho original.”**

Albert Einstein

RESUMO

JUNKES, Priscila. Os benefícios da implantação da ferramenta Fluxo de Caixa como instrumento de controle Financeiro em uma Indústria têxtil de Santa Catarina. 2013. 65 p. Orientador: Clayton Schueroff. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Contábeis. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC – SC.

O estudo realizado trata-se dos benefícios da implantação da ferramenta fluxo de caixa como instrumento de controle de gestão financeira nas empresas. Para tal foi realizado um estudo descritivo e bibliográfico com ênfase em um estudo de caso, realizado em uma Indústria Têxtil de Santa Catarina realizando uma análise qualitativa. Após a abordagem teórica elaborou-se um modelo de fluxo de caixa adequado as atividades da empresa em estudo. O trabalho busca evidenciar os benefícios que a implantação da ferramenta irá trazer à empresa, auxiliando-a na tomada de decisão. As informações provindas desta ferramenta possibilitam um controle mais eficiente das entradas e saídas de recursos na empresa, apresentando aos gestores a situação real do caixa e facilitando a tomada de decisão. Conclui-se que o fluxo de caixa é de importância fundamental nas empresas, o que assegura a necessidade de se efetuar um planejamento adequado, objetivando contribuir para a continuidade das mesmas.

Palavras-chave: indústria têxtil, gestão financeira, fluxo de caixa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Contabilidade Financeira X Contabilidade Gerencial	19
Quadro 2: Disposição das contas do Balanço Patrimonial	22
Quadro 3: Demonstração do Resultado do Exercício	24
Figura 1: Fluxograma indicando os lançamentos que originam as entradas e saídas de caixa no demonstrativo do fluxo de caixa.....	28
Figura 2: Demonstração do fluxo de caixa - Método direto	30
Figura 3: Demonstração do fluxo de caixa - Método indireto	32
Figura 4: Os fluxos de caixa da empresa.	34
Quadro 4: Principais Ingressos e Desembolsos de Caixa.....	37
Figura 5: Ciclo Operacional.....	42
Figura 6: Ciclo de Produção.....	43
Figura 7: Apresentação do Modelo de Fluxo de Caixa.....	46
Quadro 5: Metodologia Utilizada	49
Figura 8: Portfólio de Produtos.....	52
Organograma 1: Organograma Simples dos Setores da Indústria.....	52
Quadro 6: Fluxo de Caixa Projetado para a Empresa em Estudo.....	54

NENHUMA ENTRADA DE SUMÁRIO FOI ENCONTRADA.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BP	Balanço Patrimonial
CO	Ciclo Operacional
COFINS	Contribuição para Financiamento da Seguridade Social
DFC	Demonstração do Fluxo de Caixa
DLPA	Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados
DMPL	Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido
DOAR	Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos
DRE	Demonstração do Resultado do Exercício
IME	Idade média do Estoque
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
IPVA	Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores
ISS	Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza
NE	Notas Explicativas
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PIS	Programas de Integração Social
PMR	Prazo Médio de Recebimento
FASB	Financial Accounting Standards Board (Conselho de Normas de Contabilidade Financeira)
SEC	Securities and Exchange Commission (Comissão de Valores Mobiliários)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Tema e Problema.....	11
1.2 Objetivos da Pesquisa	12
1.3 Justificativa.....	12
2 DESENVOLVIMENTO	14
2.1 História Setor Têxtil	14
2.2 Contabilidade Gerencial no Século XIX, Indústria Têxtil	15
2.3 Aplicação da Contabilidade Gerencial	16
2.4 Contabilidade Gerencial	17
2.5 Contabilidade Gerencial e a Financeira.....	18
2.6 Demonstrações Contábeis	20
2.6.1 Balanço Patrimonial	21
2.6.2 Demonstração do Resultado do Exercício.....	22
2.6.3 Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados.....	24
2.6.4 Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido	25
2.6.5 Demonstração do Valor Adicionado.....	26
2.6.6 Demonstração dos Fluxos de Caixa.....	26
2.6.6.1 Fluxo de Caixa Direto	29
2.6.6.2 Fluxo de Caixa Indireto.....	31
2.7 Os Fluxos de Caixa das Empresas	33
2.8 Finalidades do Fluxo de Caixa	35
2.9 Características do Fluxo de Caixa	37
2.10 Composição do Fluxo de Caixa	39
2.11 Ciclo Operacional das Empresas.....	41
2.12 Elaboração do Fluxo de Caixa	43
2.13 Modelo Fluxo de Caixa Projetado, segundo José Eduardo Zdanowiz	45
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	48
4 ESTUDO DE CASO	50
4.1 Histórico.....	50
4.1.2 Estrutura Organizacional	51
4.1.3 Portfólio	52
4.2 Proposta do Fluxo de Caixa Projetado.....	54

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
------------------------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta o tema que será abordado nesta pesquisa, a qual refere-se aos benefícios da implantação do fluxo de caixa como instrumento de gestão, bem como o problema em questão. Consiste também na exposição do objetivo geral, objetivos específicos e a justificativa.

1.1 Tema e Problema

Os efeitos da globalização da economia, o acirramento da competitividade e maior exigência dos mercados têm levado as empresas a novos desafios e transformações. Tais mudanças estão ocorrendo no campo tecnológico, político, social, ambiental, econômico, financeiro, entre outros, exigindo das empresas meios confiáveis de obter informações indispensáveis ao seu crescimento no mercado.

A Controladoria surgiu devido à necessidade das empresas controlarem suas atividades, que cresceram em tamanho e complexidade, através de estratégias e planejamento de suas atividades, tornando as informações cada vez mais importantes para a tomada de decisão.

A visão dos negócios se ampliou na era da informação e conseqüentemente aumentou a responsabilidade dos contadores. As alterações econômicas ocorridas no mundo nos últimos tempos, inclusive no Brasil, provocaram mudanças significativas no cenário empresarial, tornando necessária a competência dos profissionais da área de Controladoria e demais áreas financeiras.

A elaboração do fluxo de caixa auxilia os gestores nas tomadas de decisões e deve refletir com precisão a situação econômica da empresa, uma vez que se constitui em instrumento essencial para que a empresa possa ter agilidade e segurança em suas atividades e ferramenta de fundamental importância para a boa administração e avaliação das organizações. A adoção possibilita uma gestão dos recursos, evitando que representem sérias ameaças à continuidade das organizações. A indústria têxtil estudada não utiliza este recurso, sendo que todos os dados são lançados em um sistema, onde, no final do mês, é emitido um relatório contendo os dados do caixa. Com isso pergunta-se: Quais os benefícios da

implantação da ferramenta fluxo de caixa como instrumento de controle financeiro em uma Indústria Têxtil de Santa Catarina?

1.2 Objetivos da Pesquisa

O objetivo geral deste estudo consiste em averiguar os benefícios da implantação da ferramenta fluxo de caixa como instrumento de controle financeiro em uma Indústria Têxtil de Santa Catarina.

Para atingir o objetivo geral têm-se o seguinte:

- Caracterizar o setor têxtil;
- Identificar as formas de controle financeiro da empresa estudada;
- Descrever os tipos de fluxos de caixa;
- Propor a implantação do modelo de fluxo de caixa que contempla as especificidades da empresa.

1.3 Justificativa

Muitas empresas ainda não possuem as ferramentas de controle financeira adequadas, que além de informar o nível de sobra ou falta de recursos em caixa que pode auxiliar diretamente a organização na avaliação de suas devidas transações.

A presente pesquisa tem sua validade justificada ao elaborar as informações gerenciais por meio de um fluxo de caixa projetado para uma indústria de confecções do sul de Santa Catarina, ressaltando a importância na gestão e na administração da mesma, auxiliando os gestores na tomada de decisão.

O ramo da Indústria têxtil é muito competitivo e necessita de um controle de gestão adequado e eficaz as possíveis mudanças do sistema e processo de produção, Este estudo nos mostrará como o fluxo de caixa poderá auxiliar a organização nas tomadas de decisão.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que a partir de um embasamento teórico, desenvolveu-se um modelo de fluxo de caixa prospectado que poderá ser utilizado pelas indústrias têxteis. Deste modo, a proposta descrita evidencia um fluxo de caixa que corresponde às atuais exigências do mercado. Este modelo poderá ser

utilizado por indústrias têxteis semelhantes, se aplicada às determinadas adaptações.

2 DESENVOLVIMENTO

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica do trabalho. Inicia-se com a caracterização do setor têxtil e sua evolução juntamente com a contabilidade gerencial, segue conceituando a contabilidade gerencial, logo após aborda-se sobre a Lei 6.404/76 e as demonstrações contábeis. Em seguida chega-se no objetivo geral do estudo que são os benefícios da implantação do fluxo de caixa, caracterizando-o e conceituando-o. Por fim parte-se para o estudo de caso realizado em uma Indústria Têxtil de Santa Catarina.

2.1 História Setor Têxtil

Com a Revolução Industrial, surgiu um conjunto de novas transformações técnicas e econômicas que produziram novidades e facilidades no processo de produção. Tendo início na Inglaterra, no século XVII, Decca (1995) define a revolução industrial como uma revolução no sistema de produção que objetiva menores custos, maiores lucros e produção acelerada.

Decca (1995) ainda afirma que a Revolução acelerou a migração do campo para a cidade, contribuindo para formação de uma classe social que seria determinante para o seu objetivo, a classe operária. Daí podem-se destacar vários fatores, que já em 1860, novas transformações técnicas e econômicas começaram a aparecer. Dessas transformações, três merecem destaque especial:

- 1- O processo de transformação do ferro em aço;
- 2- O dínamo, que representa a substituição do vapor pela eletricidade; e
- 3- O carvão, que foi utilizado como força em navios e locomotivas.

No século XIX, no Brasil, apareceram algumas fábricas, geralmente para produzir tecidos ordinários de algodão para vestir escravos. Em 1866 eram apenas nove, sendo que cinco delas ficavam na Bahia. A partir de 1885 é que começam a aparecer fábricas voltadas para um mercado interno mais amplo. No começo do século XX, algumas indústrias se instalaram no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais, mas as principais estavam localizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. (DECCA, 1995)

Com o crescimento do número de fábricas passou a ser necessário o controle interno de suas finanças que foi onde se iniciou a contabilidade gerencial nas Indústrias no século XIX.(DECCA, 1995)

2.2 Contabilidade Gerencial no Século XIX, Indústria Têxtil

Após a Revolução Industrial, com o aumento dos negócios, houve a necessidade de precificar o valor do processo de conversão da mão-de-obra e dos materiais em novos produtos e de verificar se as organizações estavam tendo resultado em relação aos recursos que consumiam na produção. Com as operações em grande escala, surgiu a necessidade de maior ênfase na contabilidade voltada aos interesses internos das organizações competitivas e ao uso de registros contábeis como meio de controle administrativo da organização. (PAMPLONA 1998)

O fator favorável ao uso das novas práticas de contabilidade gerencial observadas nas empresas industriais do século XIX foi sem dúvida a procura de oportunidades de ganho, pela introdução de dois ou mais processos de conversão de uma atividade econômica específica.

Segundo Johnson e Kaplan (1993, p. 35), “uma das fábricas a terem seus primeiros registros de custos foi a Boston Manufacturing Company, nos EUA, seus registros mostravam um conjunto aprimorado de contas de custo”. Foi também a primeira tecelagem mecanizada a integrar, em uma única fábrica, os processos de fiação e tecelagem.

Os estágios iniciais da revolução Industrial nas tecelagens, fábricas de armas e em outras indústrias, trouxe a demanda da informação gerencial contábil. Os registros dos fatos contábeis das tecelagens do século XIX mostram que os administradores recebiam informações do custo por hora de conversão de matéria-prima em produtos intermediários e em produtos acabados e o custo por libra de produto por departamento e funcionário. Esse método era utilizado para controlar quanto em quanto tempo cada funcionário produzia, traçando metas de produção e recompensando os mais eficientes. (ANTHONY et al, 2001)

Os administradores utilizavam deste custo para a tomada de decisão quanto à compra de maquinário, ajuste salarial, preço de venda dos fios e tecidos, e

particularmente para os produtos encomendados por meio de pedidos individuais. (ANTHONY et al, 2001)

Sabendo que a contabilidade gerencial está inserida no setor têxtil, desde o século XIX, passamos a conhecer parte da história de sua evolução.

2.3 Aplicação da Contabilidade Gerencial

A evolução da contabilidade gerencial pode ser dividida em quatro estágios, sendo eles apresentados por Padoveze (2009 apud IFAC, 1998, p.4) ver

- “ – Estágio 1 – Antes de 1950, o foco era na determinação do custo e controle financeiro, através do uso das tecnologias de orçamento e contabilidade de custos;
- Estágio 2 – Por volta de 1965, o foco foi mudado para o fornecimento de informação para o controle e planejamento gerencial, através do uso de tecnologias tais como análise de decisão e contabilidade por responsabilidade;
- Estágio 3 – Por volta de 1985, a atenção foi focada na redução do desperdício de recursos usados nos processos de negócios, através do uso das tecnologias de análise do processo e administração estratégica de custos;
- Estágio 4 – Por volta de 1995, a atenção foi mudada para a geração ou criação de valor através do uso efetivo dos recursos, através do uso de tecnologias tais como exame dos direcionadores de valor ao cliente, valor para os acionistas, e inovação organizacional.”

Ricardino (2005) baseado na teoria de Johnson e Kaplan, afirma que a contabilidade gerencial surgiu nos Estados Unidos, quando as companhias passaram a fazer trocas econômicas internas ao invés de depender dos mercados externos.

Uma das primeiras análises realizadas sobre a contabilidade gerencial iguala o gerenciamento à contabilidade gerencial. Segundo Ricardino (2005 apud GOETZ, 1949, p.1) “gerenciamento e conseqüentemente contabilidade gerencial se preocupam com a eficiência de um empreendimento industrial individual”. Ambos têm o mesmo objetivo perante a empresa.

Um dos primeiros trabalhos brasileiros sobre contabilidade gerencial ocorreu em 1976, onde Ricardino (2005 apud IUDÍCIBUS, 1978, p.15) afirma que “[...] A contabilidade gerencial, num sentido mais profundo, está voltada única e

exclusivamente para a administração da empresa, procurando suprir informações que se “encaixem” de maneira válida e efetiva no modelo decisório do administrador.” Neste contexto a contabilidade gerencial facilita a tomada de decisões da organização.

Em 1990 segundo Ricardino (2005 apud SIMON, 1994, p.40) a contabilidade gerencial passou a ser um processo de “identificação, mensuração, acumulação, análise, preparação, interpretação e comunicação de informações que são usadas pelos administradores para o planejamento, avaliação e controle de uma organização.”

2.4 Contabilidade Gerencial

A contabilidade gerencial produz informação contábil útil a administração da organização. Os responsáveis pela empresa necessitam de informações monetárias corretas e precisas além das contidas nos relatórios de uso externo, sendo eficaz na realização de suas atividades. (ANTHONY, 1979)

A contabilidade gerencial segundo Souza (2008 apud ANTHONY, 1970, p. 33) “é um processo através do qual os administradores certificam-se de que os recursos sejam obtidos e aplicados eficaz e eficientemente na consecução dos objetivos do empreendimento”. Seguindo um padrão mensurável e definido, ao longo do tempo.

A contabilidade gerencial relata as informações contábeis a administração, afirma Souza (2008, p.20)

para uso dos administradores no planejamento, avaliação de desempenho e controle operacional:

- No planejamento trata-se de decidir o que, quando e com quais recursos serão exercidas as atividades para atingir o lucro ou retorno desejado. Para tanto determinam-se os recursos técnicos materiais, mão-de-obra e o mais que for necessário para produzir. Em entidades não econômicas trata-se de escolher programas para executar.
- Na avaliação de desempenho as ações compreendem o acompanhamento das atividades e o desempenho de produtos individuais e de pessoas, de acordo com os padrões estabelecidos.
- No controle operacional tem-se um processo de monitoramento a respeito da situação no momento, tal como os estoques, o estágio de acabamento dos produtos em elaboração ou dos contratos em execução, identificação e eliminação dos gargalos e outros aspectos, de forma a manter a regularidade do processo produtivo.

A contabilidade gerencial não se restringe apenas as grandes empresas e indústrias. Souza (2008) comenta que também as companhias de prestação de serviço, as organizações sem fins lucrativos e governamentais, devem dispor da contabilidade gerencial. Para o autor, a contabilidade gerencial pode ser utilizada pela pessoa física para o controle de suas finanças pessoais.

Crepaldi (1998, p.18), esclarece que a contabilidade gerencial “[...] É voltada para a melhor utilização dos recursos econômicos da empresa [...]”, através do controle adequado das atividades.

Segundo Padoveze (2009 apud IUDÍCIBUS, 1987, p.15)

a Contabilidade Gerencial pode ser caracterizada, superficialmente, como um enfoque especial conferido a várias técnicas e procedimentos contábeis já conhecidos e tratados na contabilidade financeira, na contabilidade de custos, na análise financeira e de balanços etc., colocados numa perspectiva diferente, num grau de detalhamento mais analítico ou numa forma de apresentação e classificação diferenciada, de maneira a auxiliar os gerentes das entidades em seu processo decisório.

Entende-se que a contabilidade gerencial é uma ramificação da contabilidade propriamente dita, onde seu foco é possibilitar o planejamento para o futuro da empresa.

Os relatórios gerenciais preocupam-se com determinados setores da empresa, pesquisando fatos de forma precisa, preocupando-se com a informação histórica e com as estimativas do que acontecerá no futuro. (ANTHONY, 1979)

Alguns autores tratam da comparabilidade da contabilidade gerencial com a contabilidade financeira, conforme a seguir.

2.5 Contabilidade Gerencial e a Financeira

A contabilidade financeira usa de fatores históricos, pois seu objetivo é informar os usuários, como também os auditores e demais interessados sobre o que e como foi realizado e a melhor maneira de divulgar as informações, ao passo que a contabilidade gerencial segue uma meta diferente, focando os administradores, que necessitam de informações detalhadas, de curta periodicidade para o devido controle operacional.

A contabilidade financeira tem como objetivo oferecer informação a terceiros, por meio dos relatórios, a fim de demonstrar o desempenho da

administração aos demais, diferentemente da contabilidade gerencial que visa apenas o olhar da administração, sendo que a mesma pode estabelecer regras internas úteis as suas necessidades. (ANTHONY, 1979)

O Quadro 1 apresenta as diferenças entre a contabilidade financeira e a contabilidade gerencial na visão de Souza (2008):

Quadro 1: Contabilidade Financeira X Contabilidade Gerencial

Contabilidade Financeira	Contabilidade Gerencial
Obrigatória	Opcional
<i>Sujeita aos princípios e normas técnicas de contabilidade.</i>	<i>Inexistência de princípios: as empresas desenvolvem seus próprios princípios bem como os sistemas e procedimentos de mensuração, de acordo com as necessidades de cada empresa.</i>
<i>Natureza retrospectiva. As informações reportam desempenho.</i>	<i>Natureza prospectiva: inclui projeções e estimativas dos resultados prováveis das decisões.</i>
<i>Enfatiza a confiabilidade e a objetividade das informações.</i>	<i>Pode incluir informações oriundas de expectativas pessoais do tomador de decisões. Portanto, a subjetividade é um elemento de grande presença.</i>
<i>Proporciona informações de caráter geral para investidores, analistas de mercado, concedentes de crédito comercial ou financeiro. Portanto tem propósitos gerais.</i>	<i>Proporciona informações específicas aos usuários em cada situação em que sejam necessárias.</i>
<i>As informações são severamente resumidas.</i>	<i>As informações podem ser bastante detalhadas.</i>
<i>Os relatórios são feitos em moeda corrente. Apenas alguns quadros suplementares e notas explicativas são fornecidas.</i>	<i>Comunica as informações não financeiras, especialmente aquelas que são consideradas operacionais, tais como quantidades produzidas, e vendidas, preços, resultados quantidade por canal de vendas, por região geográfica e outras da espécie.</i>

Fonte: Adaptado, Souza (2008).

Diferentes diretrizes demandam diferentes informações, e o conteúdo de cada relatório depende das solicitações do nível hierárquico de cada gestor. As informações gerenciais são subdivididas em grupos e podem ser expressas de diversas maneiras, ou seja, em unidade monetária, nacional ou internacional, valores

históricos ou outros. Uma empresa cujo objetivo seja a contabilidade gerencial deve investir em um sistema com uma maior gama de informação, o que significa maiores gastos. (RICARDINO, 2005)

Os relatórios financeiros da organização informam a situação da mesma em geral. Para o autor, os balanços mostram as contas totalizadas, em um determinado período. Quando necessário os detalhes dessas contas são fornecidos em notas explicativas. Ao contrário está a contabilidade gerencial que tem como propósito um grupo em questão, onde a empresa pode ser dividida em centros de custos, lucros, enfim no que for melhor para a atividade operacional.

No âmbito gerencial a confidencialidade é uma decisão da administração, pois os relatórios dispõem de projeções e planos estratégicos voltados ao futuro da companhia. (RICARDINO, 2005)

A contabilidade financeira está restrita aos requisitos obrigatórios na elaboração dos relatórios, através das autoridades regulamentadoras, tais como *Securities and Exchange Commission (SEC- Comissão de Valores Mobiliários)* e a *Financial Accounting Standards Board (FASB - Conselho de Normas de Contabilidade Financeira)* nos Estados Unidos, e as agências governamentais de impostos. (ANTHONY et al, 2000)

2.6 Demonstrações Contábeis

A Lei nº 6.404/76 das Sociedades por Ações é a Lei que rege as Sociedades Anônimas. Promulgada em 15 de dezembro de 1976, a referida lei foi criada em virtude do crescimento econômico, como objetivo primordial, segundo Ludícibus, Martins e Gelbecke (1981, p. 35,36),

Foi o da ampliação da quantidade de informações que as entidades têm de divulgar, bem como da melhoria da qualidade e da confiabilidade das referidas informações. [...] As empresas passaram a ter uma responsabilidade externa muito maior, tanto em relação aos seus acionistas, como seus credores (bancos e fornecedores), funcionários e ao público em geral.

Segundo o Art. 3 da Lei 11.638, de 28 de dezembro de 2007 as demonstrações contábeis exigidas para as empresas de capital aberto são:

- I - Balanço patrimonial ao final do período (BP);
- II - Demonstração do resultado do período de divulgação (DRE);

III - Demonstração do resultado abrangente do período de divulgação. A demonstração do resultado abrangente pode ser apresentada em quadro demonstrativo próprio ou dentro das mutações do patrimônio líquido. A demonstração do resultado abrangente, quando apresentada separadamente, começa com o resultado do período e se completa com os itens dos outros resultados abrangentes (DVA);
IV - Demonstração das mutações do patrimônio líquido para o período de divulgação (DMPL);
V - Demonstração dos fluxos de caixa para o período de divulgação (DFC);
VI - Notas explicativas, compreendendo o resumo das políticas contábeis significativas e outras informações explanatórias (NE).

Além do acréscimo no número de demonstrações a serem realizadas, Iudícibus, Martins e Gelbecke (1981) ressaltam que, para a empresa conseguir desenvolver tais demonstrações, ela deveria elaborar um novo Plano de Contas, qual deveria atender necessidades e interesses da empresa e as exigências feitas pela Lei 6.404/76.

Segundo o Art. 178 da Lei 6.404/76, as contas serão classificadas no Balanço Patrimonial de acordo com elementos do patrimônio, e obrigatoriamente, deverão ser agrupadas visando facilitar a análise e o conhecimento da situação financeira da entidade por seus acionistas e qualquer outro interessado.

Tendo em vista a obrigatoriedade das demonstrações contábeis, aborda-se sobre o assunto a seguir.

2.6.1 Balanço Patrimonial

Para a junção de ativo e passivo, de acordo com Padoveze (2012, p. 7) dá-se o nome de balanço patrimonial. A palavra balanço “vem da idéia de equilíbrio entre Ativo e Passivo”. “O Balanço Patrimonial tem por finalidade apresentar a posição financeira e patrimonial da empresa em determinada data, representando, portanto, uma posição estática.” (Iudícibus, Martins e Gelbcke, 2007, p.6).

O Balanço Patrimonial exhibe todos os recursos adquiridos pela empresa (passivo e patrimônio líquido) e os investimentos realizados (ativo), todos apresentados por ordem de liquidez, ou seja, pela agilidade de transformar em dinheiro, os bens e direitos. (SILVA E TRISTÃO, 2009)

As contas do Balanço Patrimonial deverão ser classificadas segundo os elementos do patrimônio que registrem e agrupadas de modo a facilitar o conhecimento e a análise da situação financeira da empresa. Braga (2006, p. 78 e

79) explica que, além de apresentar a condição da empresa, normalmente no final de cada exercício social,

A lei societária recomenda que as contas do balanço sejam classificadas segundo os elementos do patrimônio que elas representem, sendo agrupadas de modo a facilitar o conhecimento e a análise da situação financeira da empresa. Para tanto, as contas do ativo deverão ser dispostas em ordem decrescente de realização ou conversibilidade (grau de liquidez) e as contas do passivo e patrimônio líquido em ordem decrescente de exigibilidade.

A empresa deve manter escrituração contábil com base na legislação comercial e com observância das Normas Brasileiras de Contabilidade. Santos *et al* (2011), apresenta a disposição do grupo de contas do balanço patrimonial,

Quadro 2: Disposição das contas do Balanço Patrimonial

ATIVO	PASSIVO E PATRIMÔNIO LÍQUIDO
1. Ativo Circulante	3. Passivo Circulante
2. Ativo Não Circulante	4. Passivo não Circulante
	5. Patrimônio Líquido

Fonte: Elaborado pelos autores de acordo com a Lei 11.638/07 (Santos *et al* 2011)

Como pode ser observado, ele é dividido em duas colunas, ativo e passivo, onde os componentes patrimoniais são ordenados em grupos.

As contas do ativo são os investimentos feitos com os recursos da empresa. As contas do passivo são a origem desses recursos e o patrimônio líquido indica o capital integralizado pelos sócios, e o lucro ou prejuízo acumulado das movimentações da entidade.

2.6.2 Demonstração do Resultado do Exercício

A DRE relaciona todas as receitas e despesas da empresa durante o período, normalmente de 12 meses, apresentando assim o resultado final deste período, lucro ou prejuízo. (SENAC 1999)

Silva e Tristão (2009, p.218) conceituam: “A Demonstração do Resultado do Exercício apresenta, de maneira resumida, as operações realizadas pela entidade, durante um período de tempo, de forma a destacar o resultado líquido do

período”. Apresenta de forma vertical resumida o resultado apurado em relação ao conjunto de operações realizadas num determinado período.

Iudícibus *et al* (2006, p. 155) contribui com a idéia de Silva e Tristão (2009) quando conceitua a DRE como sendo,

Elaborada simultaneamente com o Balanço Patrimonial, constitui-se no relatório sucinto das operações realizadas pela empresa durante determinado período de tempo; nele sobressai um dos valores mais importantes às pessoas nela interessadas, o resultado líquido do período, Lucro ou Prejuízo.

O DRE deve mostrar um resumo das alterações positivas e negativas que ocorreram num determinado período de tempo na entidade. O objetivo principal da DRE é apresentar a formação do resultado gerado no exercício. (Braga, 2006)

Iudícibus *et al* (2006, p. 155) explana que “A Contabilidade, com os dois relatórios, o Balanço Patrimonial e a Demonstração do Resultado do Exercício, um completando o outro, atinge a finalidade de mostrar a situação patrimonial e econômico-financeira da empresa”. Qualquer parte interessada nos negócios da entidade consegue obter informações, analisar e estimar mudanças por meio dessa demonstração financeira.

Abaixo se pode visualizar um modelo básico de DRE, proposto por Matarazzo:

Quadro 3: Demonstração do Resultado do Exercício

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO	
	RECEITA BRUTA DAS VENDAS E SERVIÇOS
(-)	Devoluções
(-)	Abatimentos
(-)	Impostos
(=)	Receita Líquida de Vendas e Serviços
(-)	Custo das Mercadorias e Serviços Vendidos
(=)	Lucro Bruto
(-)	Despesas com Vendas
(-)	Despesas Financeiras (deduzidas das Receitas Financeiras)
(-)	Despesas Gerais e Administrativas
(-)	Outras Despesas Operacionais
(+)	Outras Receitas Operacionais
(=)	Lucro ou Prejuízo Operacional
(+)	Receitas não Operacionais
(-)	Despesas não Operacionais
(+)	Saldo da Correção Monetária
(=)	Resultado do Exercício antes do Imposto de Renda
(-)	Imposto de Renda e Contribuição Social
(-)	Participação em Debêntures
(-)	Participação dos Empregados
(-)	Participação de Administradores e Partes Beneficiárias
(-)	Contribuições para Instituições ou Fundo de Assistência ou Providência de Empregados
(=)	Lucro ou Prejuízo Líquido do Exercício
(=)	Lucro ou Prejuízo por Ação

Fonte: Matarazzo (2007)

Marion 2006 informa que a DRE é apresentada na vertical e por ordem dedutiva, onde as receitas estão em primeiro lugar e delas deduz as despesas. Ao apresentar como se formou o resultado, lucro ou prejuízo, a DRE elucida muitas das alterações do patrimônio líquido.

2.6.3 Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados

Como o próprio nome esclarece, a Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados exhibe todas as passagens advindas nesta conta em especial. Padoveze (2012, p. 381) elucida que,

A conta de lucros ou prejuízos acumulados objetiva:

- a) mostrar os lucros ainda não distribuídos ou transferidos;
- b) os lucros ou prejuízos ocorridos no exercício;
- c) as transferências dos lucros obtidos;

- d) a absorção dos prejuízos anteriores por novos lucros;
- e) os prejuízos acumulados ainda não absorvidos por lucros ou pelo capital social.

A DLPA evidencia as alterações ocorridas no saldo da conta de lucros ou prejuízos acumulados, no Patrimônio Líquido. De acordo com Ludícibus *et al* (2006, p. 158) “As causas e os efeitos, dos registros e do saldo, da conta Lucros ou Prejuízos Acumulados, são de grande importância para as pessoas interessadas na empresa”. Ludícibus *et al* (2006) afirma ainda que a DLPA apresenta também as repartições de lucros aos sócios, as retenções de lucros, os ajustes dos exercícios anteriores, etc.

O objetivo dessa demonstração é de apresentar o saldo residual de lucros ou prejuízos, suas modificações durante o exercício e o destino dado ao lucro no final de cada exercício. (BRAGA, 2006)

2.6.4 Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido

A demonstração das mutações do patrimônio líquido proporciona uma visão mais adaptada da conduta dos capitais próprios da empresa, auxiliando na identificação das causas da melhora ou piora dos mesmos. Conforme Braga (2006), a DMPL tem como objetivo facilitar a apreciação das mutações que incide nos membros do patrimônio líquido.

Padoveze (2012, p. 383) em sua obra, explica que,

Essa demonstração se faz necessária tendo em vista que no Brasil diversas interferências legais e fiscais obrigam a contabilidade a proceder registros de transferências de valores do grupo de reservas, bem como para evidenciar outras movimentações específicas do capital social, como aumentos de capital, ágio na subscrição de capital e recompra de ações (ações em tesouraria).

O objetivo básico da DMPL é de deixar evidenciados aos sócios ou acionistas, todos os valores que mudam o patrimônio líquido, mostrando assim, os eventos ocorridos com a riqueza da empresa e dos mesmos. Ludícibus *et al* (2012) afirma que a DMPL mostra, sucintamente, as alterações ocorridas com as contas que compõem o patrimônio líquido.

Ludícibus *et al* (2012) ainda informa que essa demonstração é opcional, mas, quando escolhida, deve obrigatoriamente substituir a DLPA .

2.6.5 Demonstração do Valor Adicionado

Conforme Szuster 2007, a DVA mostra a riqueza ocorrida pela entidade num apontado período, partindo do mesmo conceito do Produto Interno Bruto (PIB).

Surgida na Europa, essa demonstração tem sua publicação recomendada expressamente pela ONU (Organização das Nações Unidas) e mostra a quantidade de riqueza que a empresa produziu, isto é, “o quanto ela adicionou de valor a seus fatores de produção, e de que forma essa riqueza foi distribuída (entre empregados, governo, acionistas, financiadores do capital) e quanto ficou retido na empresa”. (Padoveze 2012, p. 395)

A DVA parte da apreciação do PIB do país, ou seja, o PIB apresenta a riqueza gerada pelo país, durante um período de tempo determinado. Ela ainda apresenta a riqueza gerada pela empresa durante um determinado período de tempo, isto é, o que ela produz/gera de receita deduzindo o valor das compras.

Braga (2006, p. 126) afirma que,

Todas as empresas geram riqueza. Elas compram matérias-primas e serviços, que são convertidos ou processados num produto ou serviço, que, por sua vez, são vendidos para seus próprios clientes. A diferença entre o valor final das vendas e os materiais originais comprados para a produção é o valor adicionado gerado pela empresa.

A DVA então, conforme Santos (2003) é uma demonstração formada com base nos elementos advindos da contabilidade, isto é, tirados dos registros contábeis que poderão ser obtidos na DRE, mas nunca poderá ser confundida com ela.

2.6.6 Demonstração dos Fluxos de Caixa

A demonstração dos Fluxos de Caixa apesar de ser uma das demonstrações mais úteis, geralmente não é divulgada pelas empresas, sua abordagem é normalmente esquecida nas obras de análises de balanços, mas a partir da Lei 11.638/07, passou a ser um relatório obrigatório pela contabilidade para todas as sociedades de capital aberto ou com patrimônio líquido superior a R\$ 2.000.000,00.

A maior parte dos casos de insolvência ou iliquidez ocorre pela falta de aplicação adequada do fluxo de caixa, daí a importância de sua análise. (MATARAZZO, 1985)

A demonstração dos fluxos de caixa analisa o fluxo de caixa, que segundo Matarazzo (1985, p. 193) é “[...] de extraordinária utilidade para a análise do desempenho financeiro da empresa, e o que é muito importante: essa demonstração pode ser facilmente preparada de fora da empresa.”

Pode-se saber a capacidade de expansão dos recursos financeiros da empresa e se a mesma foi auto-suficiente no financiamento de seu giro, através da Demonstração do Fluxo Líquido de Caixa (DFLC). Essa análise amplia o conjunto de informações sobre a empresa. (MATARAZZO, 1985)

Matarazzo (2010), afirma que o fluxo significa movimento. Assim, o fluxo de caixa pode ser definido como movimento de caixa. Muitas organizações vão a falência pelo fato de não saber administrar esse movimento de caixa.

Os principais objetivos da demonstração dos fluxos de caixa, segundo Matarazzo (2010, p. 234) são:

- Avaliar alternativas de investimentos.
- Avaliar e controlar ao longo do tempo as decisões importantes que são tomadas na empresa, com reflexos monetários.
- Avaliar as situações presente e futura do caixa na empresa, posicionando-a para que não chegue a situações de liquidez.
- Certificar que os excessos momentâneos de caixa estão sendo devidamente aplicados.

O demonstrativo dos fluxos de caixa mostra de forma detalhada as entradas e saídas de caixa, onde pode-se observar as áreas de fragilidade da empresa e a capacidade de pagamento das dívidas. Os custos e outros lançamentos contábeis podem distorcer os lucros no demonstrativo de resultado, com isso a análise do fluxo de caixa passou a ser mais utilizada pelas empresas. (GROPPELLI, 2002)

As atividades de entrada e saída são divididas em três categorias, apresentadas por GropPELLI, 2002:

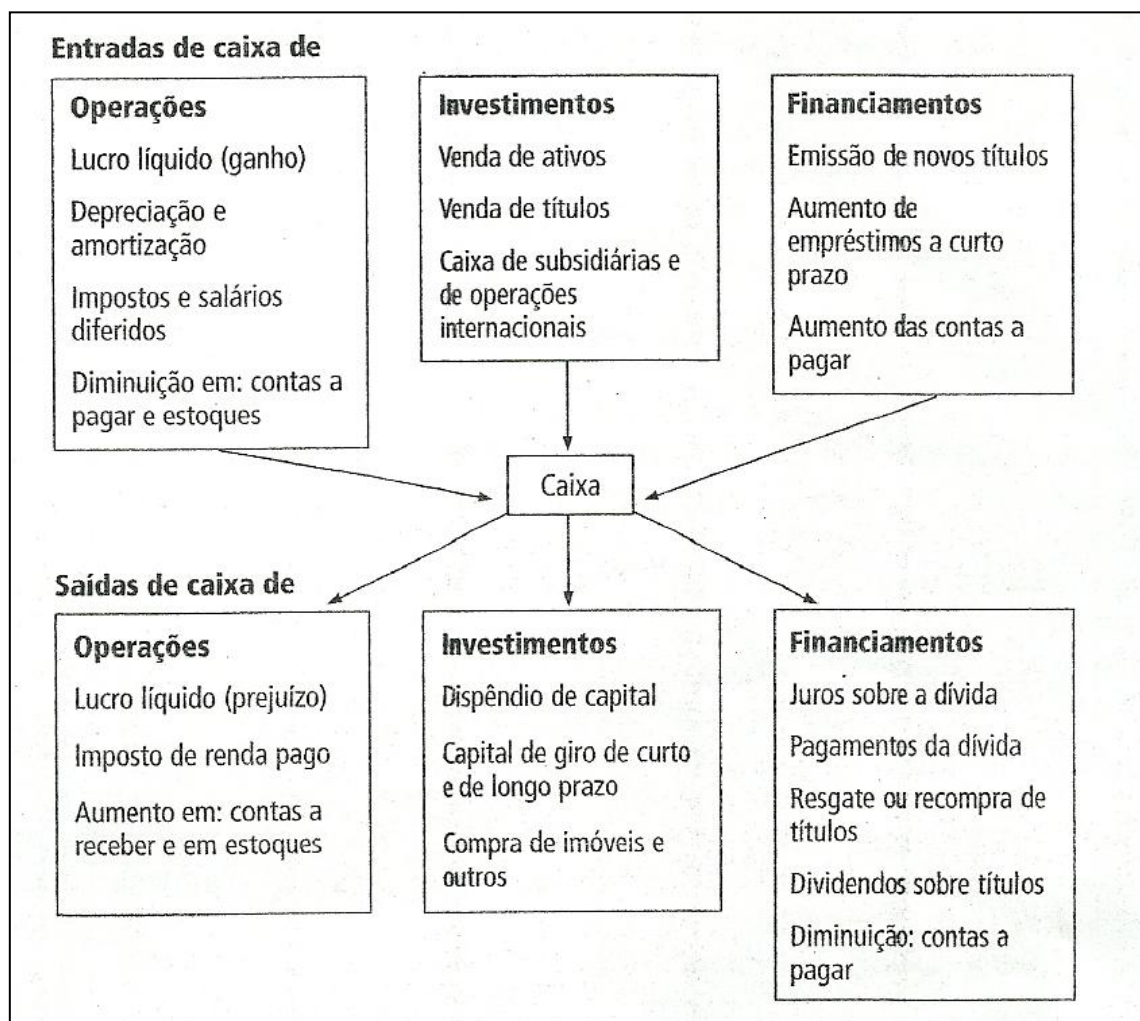
- 1) Caixa de atividades operacionais: Recebimentos e pagamentos de uma empresa em suas operações normais e demonstra como o caixa foi realmente operado;
- 2) Caixa das atividades de investimento: Observa a política da empresa sobre os equipamentos, instalações e o capital de giro líquido. Indica a

compra dos ativos e se os planos de expansão dependem de outros ativos ou de alteração no composto do produto;

- 3) Caixa das atividades de financiamento: A habilidade da organização levantar caixa e sua facilidade de pagar dívidas e juros.

Na Figura 1 esboçada por Gropelli,(2002, p. 351) tem-se definição dos lançamentos que originam as entradas e saídas de caixa.

Figura 1: Fluxograma indicando os lançamentos que originam as entradas e saídas de caixa no demonstrativo do fluxo de caixa.



Fonte: Gropelli, 2002, p.351

O demonstrativo conforme Gropelli (2002) informa realmente os valores gerados em determinado período, evitando os problemas de regime de competência. Embora o mesmo esteja sujeito a várias deficiências, sendo importante por esclarecer distorções geradas no demonstrativo de resultado e no balanço. Este também é utilizado na determinação dos lucros, de quanto desse lucro já entrou no

caixa e a facilidade de quitação das dívidas. Análise de contas a receber e a pagar, possibilitando saber o financiamento das compras.

Zdanowicz (1989, p.37) descreve o fluxo de caixa como um conjunto de entrada e saída de numerário em um determinado período. “[...] É um instrumento de programação financeira, que corresponde às estimativas de entrada e saída de caixa em certo período de tempo projetado.” Apresentando a dinâmica da situação financeira da empresa, considerando todas as fontes de recursos e aplicações em itens do ativo.

Aperfeiçoar a aplicação de recursos próprios e de terceiros produzindo rendimento satisfatório a empresa, evitando deixar seus recursos ociosos. (ZDANOWICZ, 1989)

Os demonstrativos são divulgados anualmente aos acionistas, administradores, bancos, fornecedores, governo e outros. Esses usuários usam essas informações para a avaliação econômica e financeira da empresa em um período, com isso determinam o futuro desempenho para geração de caixa, lucros, dividendos, liquidez, entre outros. (ZDANOWICZ, 1989)

A demonstração de fluxo de caixa reflete um resumo dos fluxos de caixa operacionais, de investimento e financiamento da empresa durante o período em questão.(GITMAN, 2001).

Demonstração dos fluxos de caixa fornece uma síntese dos fluxos de caixa operacionais, de investimento e de financiamento de uma empresa e os concilia com as variações dos saldos de caixa e aplicações financeiras no período.

Em sequencia apresenta-se as duas formas de apresentação legal contábil do fluxo de caixa, o modo direto e indireto.

2.6.6.1 Fluxo de Caixa Direto

O fluxo de caixa direto classifica os recebimentos e pagamentos de uma empresa utilizando as partidas dobradas e tem como vantagem permitir a geração de informações com base em critérios técnicos sem a interferência da legislação fiscal.(CAMPOS FILHO, 1999).

O fluxo de caixa direto demonstra os recebimentos e pagamentos derivados das atividades operacionais da empresa em vez do lucro líquido ajustado.

Mostra efetivamente as movimentações dos recursos financeiros ocorridos no período.

Apresenta-se a seguir modelo de fluxo de caixa direto conforme Pronunciamento Técnico Cpc03 (R2) – Demonstração dos Fluxos de Caixa.

Figura 2: Demonstração do fluxo de caixa - Método direto
Demonstração dos fluxos de caixa pelo método direto (item 18a)

	20X2
Fluxos de caixa das atividades operacionais	
Recebimentos de clientes	30.150
Pagamentos a fornecedores e empregados	(27.600)
)
Caixa gerado pelas operações	<u>2.550</u>
Juros pagos	(270)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(800)
Imposto de renda na fonte sobre dividendos recebidos	<u>(100)</u>
Caixa líquido gerado pelas atividades operacionais	\$ 1.380
Fluxos de caixa das atividades de investimento	
Aquisição da controlada X, líquido do caixa obtido na aquisição (Nota A)	(550)
Compra de ativo imobilizado (Nota B)	(350)
Recebimento pela venda de equipamento	20
Juros recebidos	200
Dividendos recebidos	200
Caixa líquido consumido pelas atividades de investimento	\$ (480)
Fluxos de caixa das atividades de financiamento	
Recebimento pela emissão de ações	250
Recebimento por empréstimo a longo prazo	250
Pagamento de passivo por arrendamento	(90)
Dividendos pagos ^(a)	(1.200)
Caixa líquido consumido pelas atividades de financiamento	\$ (790)
Aumento líquido de caixa e equivalentes de caixa	\$ 110
Caixa e equivalentes de caixa no início do período (Nota C)	\$ 120
Caixa e equivalentes de caixa no fim do período (Nota C)	\$ 230

Como se verifica, a demonstração pelo método direto facilita ao usuário avaliar a solvência da empresa, pois evidencia toda a movimentação dos recursos financeiros, as origens dos recursos de caixa e onde eles foram aplicados.

2.6.6.2 Fluxo de Caixa Indireto

Conforme Barbieri (1987), o fluxo de caixa indireto consiste na demonstração dos recursos provenientes das atividades operacionais a partir do lucro líquido, ajustado pelos itens que afetam o resultado, mas que não modificam o caixa da empresa.

Iudícibus (1998) comenta que no fluxo de caixa indireto parte-se do lucro líquido para, após os ajustes necessários, chegar-se ao valor das disponibilidades produzidas no período pelas operações registradas na DRE, contudo no que se refere à semelhança com a DOAR, o autor destaca que as comparações se estendem apenas às contas do circulante. Este método é também conhecido como método de reconciliação.

Segundo Hendriksen e Breda (1999), muitas empresas preferem divulgar a DFC elaborada através do método indireto que parte do Lucro Líquido ajustando-o até chegar ao fluxo de caixa operacional.

O método indireto é aquele no qual os recursos provenientes das atividades operacionais são demonstrados a partir do lucro líquido, ajustado pelos itens considerados nas contas de resultado que não afetam o caixa da empresa.

A seguir apresenta-se um modelo de fluxo de caixa indireto conforme Pronunciamento Técnico Cpc03 (R2) – Demonstração dos Fluxos de Caixa.

Figura 3: Demonstração do fluxo de caixa - Método indireto

Demonstração dos fluxos de caixa pelo método indireto (item 18b)

	20X2
Fluxos de caixa das atividades operacionais	
Lucro líquido antes do IR e CSLL	3.350
Ajustes por:	
Depreciação	450
Perda cambial	40
Resultado de equivalência patrimonial	(500)
Despesas de juros	400
	<u>3.740</u>
Aumento nas contas a receber de clientes e outros	(500)
Diminuição nos estoques	1.050
Diminuição nas contas a pagar – fornecedores	<u>(1.740)</u>
Caixa gerado pelas operações	2.550
Juros pagos	(270)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(800)
Imposto de renda na fonte sobre dividendos recebidos	<u>(100)</u>
Caixa líquido gerado pelas atividades operacionais	\$ 1.380
Fluxos de caixa das atividades de investimento	
Aquisição da controlada X, líquido do caixa obtido na aquisição (Nota A)	(550)
Compra de ativo imobilizado (Nota B)	(350)
Recebimento pela venda de equipamento	20
Juros recebidos	200
Dividendos recebidos	<u>200</u>
Caixa líquido consumido pelas atividades de investimento	\$ (480)
Fluxos de caixa das atividades de financiamento	
Recebimento pela emissão de ações	250
Recebimento por empréstimos a longo prazo	250
Pagamento de passivo por arrendamento	(90)
Dividendos pagos ^(a)	<u>(1.200)</u>
Caixa líquido consumido pelas atividades de financiamento	\$ (790)
Aumento líquido de caixa e equivalentes de caixa	<u>\$ 110</u>
Caixa e equivalentes de caixa no início do período (Nota C)	\$ 120
Caixa e equivalentes de caixa no fim do período (Nota C)	<u>\$ 230</u>

Fonte: Pronunciamento Técnico Cpc03 (R2) – Demonstração dos Fluxos de Caixa.

Observa-se pelo modelo apresentado, que a demonstração pelo método indireto é semelhante à DOAR, principalmente pela sua parte inicial, exigindo do usuário maior conhecimento de contabilidade.

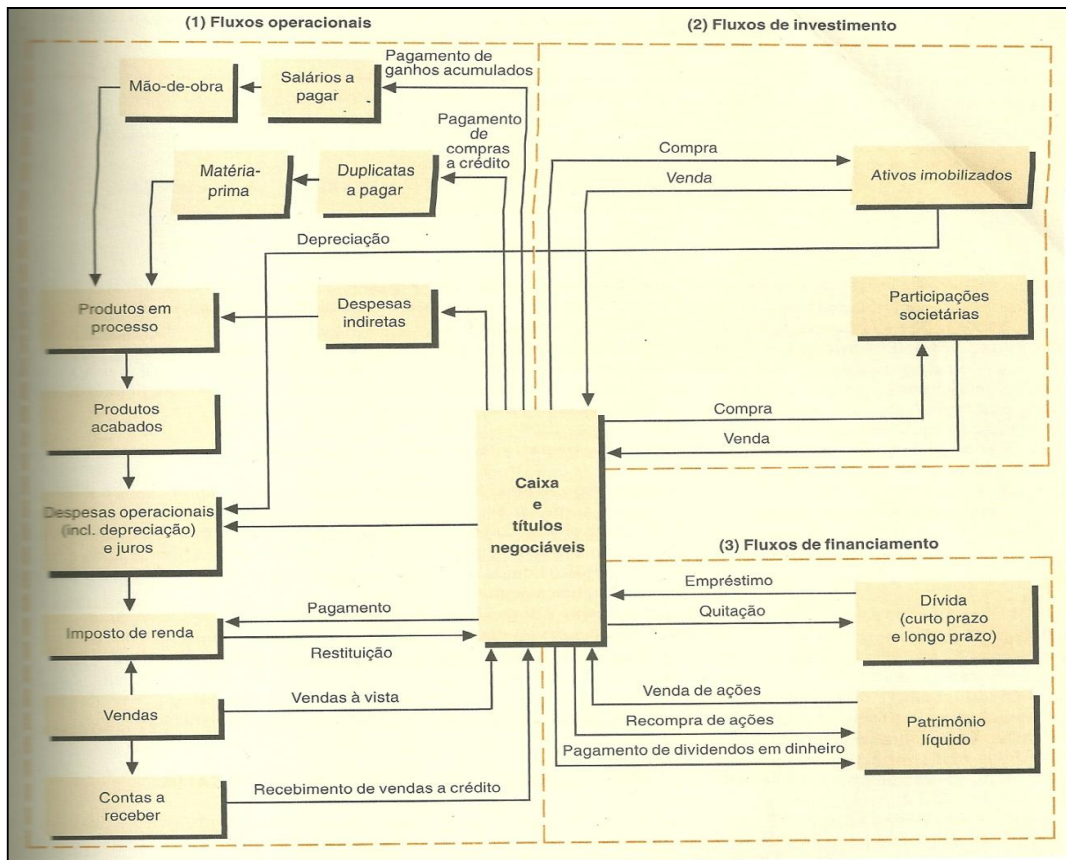
2.7 Os Fluxos de Caixa das Empresas

A demonstração de fluxo de caixa resume o fluxo de caixa da empresa em determinado período de tempo. E divide-se em fluxos operacionais, de investimento e de financiamento.

Gitman (2001) comenta que os fluxos operacionais são diretamente relacionados e produção e à venda dos produtos e serviços da empresa. Os fluxos de investimento são associados à compra e a venda tanto de ativos permanentes quanto de participações societárias. E os fluxos de financiamento resultam de transações de financiamento por dívida e capital próprio, engloba a quitação e a contratação da dívida, a entrada de caixa por venda de ações, assim como as saídas de caixa para pagamento dos dividendos.

A Figura 4 demonstra as operações realizadas no Fluxo de Caixa de uma empresa, conforme Gitman (2001, p. 115).

Figura 4: Os fluxos de caixa da empresa.



Fonte: Gitman, 2001, p.115.

A imagem demonstra os fluxos de caixa de uma empresa. Os títulos negociáveis devido a sua natureza de liquidação são caracterizados como caixa. Ambos representam uma reserva de liquidez que é aumentada por fluxos de entrada de caixa e diminuída por fluxos de saída de caixa. Sendo que os fluxos de caixa da empresa são divididos em operacionais, de investimento e de financiamento.

O fluxo de caixa é o foco principal do gestor financeiro, seja na gestão das finanças diárias, ou no planejamento e tomada de decisão a respeito de valor para os acionistas. (GITMAN, 2010)

Uma empresa necessita de saldo em caixa para pagar suas obrigações com terceiros, e deve guardar um reservatório que se chama disponível. O disponível pode ser abastecido por fontes interna e externas. Zdanowicz (1989) afirma que as fontes internas podem ser periódicas, geralmente decorrem das vendas à vista e cobranças de valores a receber, enquanto as fontes externas tem origem de recursos financeiros, procedem da emissão de ações e de empréstimos das instituições de crédito.

Os pagamentos a fornecedores, funcionários, juros a terceiros não ligados a empresa, dividendos e outros correspondem a saídas regulares e periódicas da empresa. (ZDANOWICZ, 1989)

Em termos de planejamento e de controle financeiro o fluxo de caixa é o instrumento essencial para a empresa. Quando analisado continuamente, possibilita o dimensionamento do volume de entrada e saída de caixa de forma eficaz.

2.8 Finalidades do Fluxo de Caixa

O fluxo de caixa é uma ferramenta de gestão significativa para a organização, caracteriza-se como um instrumento de controle das empresas, é uma peça imprescindível em qualquer tipo de serviço, mesmo para as pessoas físicas que desejam um planejamento pessoal.

O objetivo do fluxo de caixa é acompanhar as entradas e saídas de dinheiro previstas na empresa. O fluxo de caixa deve registrar todas as entradas e saídas, considerando um período de tempo determinado. A partir deste detalhado registro a situação da empresa, positiva ou negativa, é apresentada no demonstrativo de fluxo de caixa. Com isso, o fluxo de caixa fornece o conhecimento dos momentos exatos em que surgem as insuficiências de caixa, e possibilita à empresa precaver-se a quaisquer falhas, com bastante antecedência. (SEBRAE)

Segundo Sanvicente (1993), os gestores financeiros devem procurar preservar um saldo de caixa razoável com o intuito de atender a três exigências principais: transação, precaução e especulação. Ressaltando que o motivo da transação está relacionado ao fato de que uma organização precisa de recursos para cumprir os compromissos assumidos, a precaução é utilizada para a imprevisibilidades dos fluxos futuros de pagamentos e a especulação refere-se a uma quantidade mantida em caixa visando uma oportunidade de negócio.

O empreendedor ao observar a existência de saldos excessivos de caixa deve, antecipadamente, pensar em usos alternativos para esses recursos, buscando à maximização dos lucros. Podendo utilizar-se do fluxo de caixa, com informações de médio e longo prazo, como ferramenta para se alcançar os objetivos da organização. (SEBRAE)

Proporcionar a gestão dos recursos obtidos, adequadas transparência das operações, e evidenciar desvios financeiros, são algumas finalidades do fluxo de caixa. Para Gitman (2001, p.35) o propósito “é conter detalhamento que permitam a adequada análise das informações contidas. Um fluxo de caixa não adequadamente estruturado leva a empresa a não entender, não analisar e não decidir adequadamente sobre sua liquidez.” Oferecer aos usuários informações relevantes sobre as movimentações de entradas e saídas de caixa de uma entidade num determinado período ou exercício, no sentido de evidenciar transparente a situação financeira da entidade.

Os principais objetivos do fluxo de caixa para Zdanowicz (1988, p.38) são:

- a) Facilitar a análise e o cálculo na seleção das linhas de crédito a serem obtidas junto às instituições financeiras;
- b) Programar os ingressos e os desembolsos de caixa, de forma criteriosa, permitindo determinar o período em que deverá ocorrer carência de recursos e o montante, havendo tempo suficiente para as medidas necessárias;
- c) Permitir o planejamento dos desembolsos de acordo com as disponibilidades de caixa, evitando-se o acúmulo de compromissos vultuosos em época de pouco encaixe;
- d) Determinar quanto de recursos próprios a empresa dispõe em dado período, e aplicá-los de forma mais rentável possível, bem como analisar os recursos de terceiros que satisfaçam as necessidades da empresa;
- e) Proporcionar o intercâmbio dos diversos departamentos da empresa com a área financeira;
- f) Desenvolver o uso eficiente e racional do disponível;
- g) Financiar as necessidades sazonais ou cíclicas da empresa;
- h) Providenciar recursos para atender aos projetos de implantação, expansão, modernização ou realocização industrial e/ou comercial;
- i) Fixar o nível de caixa, em termos de capital de giro;
- j) Auxiliar na análise dos valores a receber e estoques, para que se possa julgar a conveniência em aplicar nesses itens ou não;
- l) Verificar a possibilidade de aplicar possíveis excedentes de caixa;
- m) Estudar um programa saudável de empréstimos ou financiamentos;
- n) Projetar um plano efetivo de resgate de débitos;
- o) Analisar a conveniência de serem comprometidos os recursos pela empresa;
- p) Participar e integrar todas as atividades da empresa, facilitando assim os controles financeiros.

Concluindo o pensamento o principal objetivo é aperfeiçoar a aplicação de recursos próprios e de terceiros nas atividades da empresa, não deixando seus recursos ociosos. (ZDANOWICZ, 1988)

De maneira eficaz, Hoji (2001, p.119) afirma que “o conhecimento antecipado das necessidades de sobras de caixa no curto, médio e longo prazos possibilita ao administrador financeiro tomar decisões que omitissem os resultados globais.”

O fluxo de caixa é um instrumento de gestão eficaz, conforme exposto por Zdanowicz (2004, p.54) “o fluxo de caixa é o instrumento essencial para a administração do disponível e sucesso da empresa, em termos de planejamento e de controle financeiro. É o instrumento mais preciso e útil para levantamentos financeiros a curto e longo prazo.” Além disso, é possível fazer uma comparação entre o desempenho atual e passado da empresa, o que permite determinar se a mesma está progredindo conforme planejado.

2.9 Características do Fluxo de Caixa

A principal característica de um fluxo de caixa é controlar os ingressos, vendas à vista, a prazo, desembolsos de financiamentos, amortizações de empréstimos e outros. Desse modo, conforme Zdanowicz (2004, p.26) para caracterizá-lo “deve-se conhecer quais são os tipos de recursos que ingressam no caixa e de que forma eles são desembolsados, pois, somente assim é possível realizar análises do fluxo desses recursos no caixa da empresa.” Dessa forma o administrador financeiro pode verificar se haverá excedentes ou escassez de caixa, em função do nível desejado da empresa.

Assim o fluxo de caixa apresenta a aferição e interpretação das variações dos saldos do disponível da organização. Segundo Sá (1995) é um resultante do contas a receber com o contas a pagar, tal que quando se comparam as contas recebidas com as contas pagas tem-se o fluxo de caixa realizado, e quando compara-se as contas a receber com as contas a pagar, tem-se o fluxo de caixa projetado.

No Quadro 4 tem-se as principais contas de entradas e saídas existentes em uma empresa

Quadro 4: Principais Ingressos e Desembolsos de Caixa

INGRESSOS	DESEMBOLSOS
Vendas à vista;	Financiar o ciclo operacional da empresa;
Recebimentos de venda a prazo;	Amortizar os empréstimos captados pela empresa;
Aumentos de capital social;	Amortizar os financiamentos captados pela empresa;

Vendas de itens do ativo imobilizado;	Investir em itens do ativo imobilizado; e
Receitas de aluguéis; e	Aplicar no mercado Financeiro
Empréstimos e resgates de aplicações no mercado financeiro;	

Fonte: Zdanowicz (2004, p.25).

O fluxo de caixa tem como característica controlar as entradas e saídas de recursos da empresa, bem como recebimentos, pagamentos, investimentos e aplicações, sangria e reforço do caixa. Para Zdanowicz (1986) a conta caixa consiste para as empresas como uma reserva, ou seja, um fundo de caixa algumas despesas da empresa. Com base nisso pode-se notar as divisões de entradas e saídas. As entradas consistem em vendas a vista e a prazos; investimentos, gerando aumento de capital, receitas em gerais, resgates de aplicações diversas. As saídas consistem em investimentos em maquinários, aplicações, despesas em gerais, administrativas etc. O fluxo de caixa tem como características também o controle de forma cronológica de entradas e saídas, períodos, trabalha com valores de previsão e realizados e demonstra valores diariamente do recurso disponível.

Conforme Assaf Neto e Silva (2007), a empresa deve garantir uma reserva de caixa, que depende de uma série de fatores, são eles:

- a) Falta de sincronização entre pagamentos e recebimentos – que pode ser resultante da sazonalidade e de características operacionais de atuação da empresa, sendo que o fluxo de caixa projetado pode ser uma ferramenta importante para a redução dessas diferenças temporais de entrada e saída de recursos;
- b) Grande ocorrência de eventos não previstos no planejamento que resultam em desembolso de caixa na empresa;
- c) Acesso as fontes de financiamento, de terceiros ou próprio: Com isso a empresa pode obter recursos financeiros de forma fácil, e uma taxa de juros compatíveis no mercado financeiro, podendo diminuir o caixa mínimo da organização;
- d) Bom relacionamento com o sistema financeiro: a exigência de saldos mínimos para futuras operações requer maior volume nessa conta, embora o sistema financeiro ao agilizar o sistema de compensação de cheques, tende a reduzir a necessidade de caixa mínimo;

- e) Possibilidade de desfalques no caixa, sendo que este item pode ser amenizado com um controle rigoroso das entradas e saídas de caixa;
- f) Existência de prazo médio de recebimento elevado: sempre que possível a empresa deve reduzi-lo;
- g) Grande investimento em estoques: procurar ajustá-lo a demanda de venda da empresa;
- h) Várias contas bancárias: procurar aperfeiçoar a manutenção das contas correntes em bancos, para melhorar o controle e obter melhores condições nas negociações com essas instituições financeiras;
- i) Processo produtivo com desperdícios e atividades com pouca rentabilidade;
- j) Nível de taxa de inflação: em ambientes inflacionários a perda decorrente da manutenção de um caixa mínimo tende a aumentar, porém, por outro lado, alguns ambientes inflacionários tendem a gerar mais oportunidade de investimento;
- k) Política de crédito: a lentidão dos pagamentos e a inadimplência dos clientes podem exigir maior necessidade de caixa mínimo;
- l) Modelo de administração de caixa claramente definido: a administração precisa ter regras de quanto deixar em caixa, para satisfazer suas obrigações; e
- m) Regularidade nos recebimentos, inclusive nas operações à vista.

2.10 Composição do Fluxo de Caixa

O Fluxo de Caixa é um dos instrumentos que auxiliam no controle dos recursos monetários de uma empresa, em um determinado período que pode ser diário, semanal, mensal, anual, etc. Pode também auxiliar o controle de despesas pessoais de qualquer pessoa.

É a partir do fluxo de caixa que importantes decisões são tomadas em uma empresa, pois é através da utilização de seus dados, e de variáveis, que o administrador realiza projeções futuras. Os itens que compõem um fluxo de caixa segundo Chagas (1999, p. 56):

- a) investimento inicial – é o valor necessário para abrir, montar uma empresa bem como, reservar uma parte para o primeiro mês de funcionamento até a entrada de caixa da empresa;
- b) saldo de caixa inicial – é o valor que se tem no caixa no primeiro dia de operação da empresa;
- c) total de entradas – é valor total de dinheiro no caixa da empresa, esse dinheiro pode ser obtido das seguintes formas:
 - * receitas de vendas – valor obtido através do recebimento das vendas a prazo e das vendas à vista.
 - * receitas financeiras – são valores obtidos apartir de operações financeiras.
 - * empréstimos – valor tomado através de terceiros.
 - * outras receitas – aos valores decorrentes de outro negócio que não tem a ver com a função da empresa.
- d) total de saídas – é para registrar todas as saídas de dinheiro da empresa, serve também para auxiliar, no quando deverá guardar para fazer face a pagamentos futuros;
- e) saldo no período – é o resultado obtido da diminuição do total das entradas com o total das saídas, indicando se sobrou ou faltou em dado momento;
- f) reserva de capital – é o valor que a empresa reserva para utilizar em alguma oportunidade de investimentos;
- g) depreciação – é uma alternativa que a empresa tem de descontar do imposto, pois na realidade não sai dinheiro da empresa, é um valor que através de um percentual dado pelo governo a empresa pode descontar como desgaste, perda. A depreciação no fluxo de caixa aparece tanto nas entradas como também nas saídas; e
- h) fluxo líquido de caixa – indica quanto a empresa tem disponível no seu caixa.

Para tanto, a organização através do fluxo de caixa pode perceber se o caminho percorrido é o desejado.

Os fluxos de caixa são diretamente relacionados à produção e venda dos produtos e serviços da empresa. Guitman (1997) cita as contas que compõem um fluxo de caixa:

- a) Caixa- é o dinheiro em cédulas e moedas, uma ordem de cheques a receber e pagamentos à vista em poder da organização;
- b) Títulos negociáveis – valores aplicados em títulos, através de corretoras de valores e instituições cadastradas no Banco Central do Brasil;

- c) Duplicatas a pagar – Obrigações decorrentes das operações de aquisição de mercadorias, matérias-primas, e outros bens e serviços necessários ao atendimento das atividades operacionais da empresa, a serem pagas durante o exercício;
- d) Salários a pagar – remuneração referente a mão-de-obra utilizada na empresa;
- e) Mão-de-obra – trabalho manual exercido para transformar a matéria prima em produto;
- f) Matéria prima – bens de consumo, transformação ou reposição adquirida pela empresa e utilizados em suas atividades operacionais;
- g) Produtos em processo – são bens semi-acabados em processo de produção;
- h) Produtos acabados ou mercadorias – bens adquiridos ou produzidos pela empresa que estão no estabelecimento ou em depósitos para a venda ou revenda;
- i) Despesas operacionais – todo esforço operacional para geração de receita. Que são divididas em despesas com vendas e com administração;
- j) Depreciação – valor do registro de desgaste, sofrido pelos bens do ativo em decorrência da utilização na atividade operacional da empresa;
- k) Tributo – Impostos pagos referente a organização, ex: PIS, COFINS, ISS, IPTU, IPVA, entre outros.
- l) Vendas líquidas – é o resultado líquido da comercialização das mercadorias e serviços com o cliente em um determinado período; e
- m) Duplicatas a receber – valores a receber de vendas ou prestação de serviços.

As operações de compra geram saídas e as de vendas geram recursos no caixa.

2.11 Ciclo Operacional das Empresas

A atividade operacional envolve um conjunto de procedimentos relacionados com a produção, manutenção, comercialização de produtos ou serviços, onde estão os recursos financeiros da empresa. Estes recursos sofrem

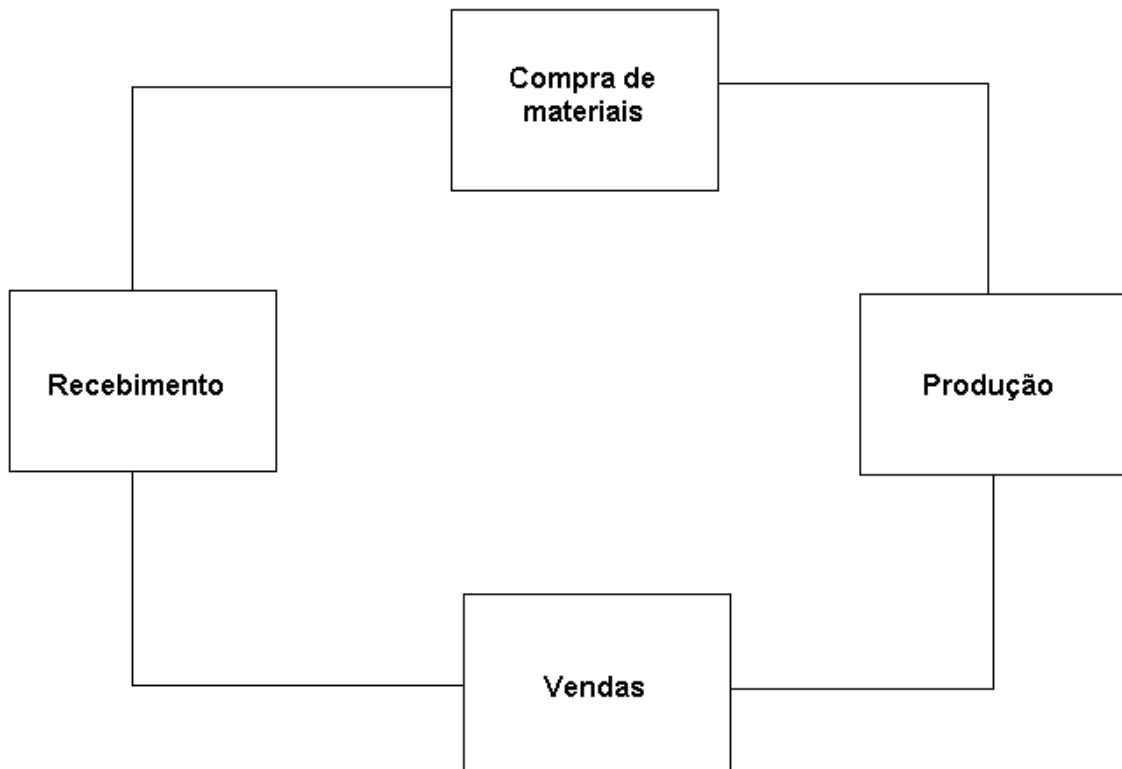
mudanças decorrentes de necessidades, com isso nota-se a importância do fluxo de caixa, onde as informações geradas podem garantir ao administrador o andamento deste ciclo agindo de maneira adequada na tomada de decisões em momentos específicos. Para Gitman (2004) o ciclo operacional de uma empresa é o prazo que vai desde o início do processo de produção até o recebimento da venda do produto acabado, envolvendo os estoques e as contas a receber. O ciclo é medido somando a idade média do estoque (IME) com o prazo médio de recebimentos (PMR).

Fórmula:

$$CO = IME + PMR$$

Através da Figura 5, nota-se o ciclo operacional de forma simplificada de uma organização.

Figura 5: Ciclo Operacional



Fonte: Assaf Neto (2002)

Observando a Figura percebe-se que o ciclo inicia com a aquisição da matéria-prima, que gerará uma receita das vendas realizadas, sendo que após o recebimento total das vendas encerra-se o ciclo.

Os ciclos econômicos e financeiros podem ser esquematizados da seguinte forma segundo Zdanowicz (1988).

Figura 6: Ciclo de Produção



Fonte: Zdanowicz, 1988 p.62

Os autores Assaf Neto e Silva (2007) afirmam que uma boa gestão de capital de giro deve imprimir alta rotação ao circulante, visando uma menor necessidade de imobilização de capital no ativo circulante e conseqüentemente um aumento de rentabilidade. Quanto mais longo for o ciclo operacional, mais recursos são necessários para financiar o giro da organização, pois nesse período os recursos ficarão escassos.

2.12 Elaboração do Fluxo de Caixa

O fluxo de caixa pode ser elaborado de diversas maneiras, adequando-se as necessidades da empresa, com o intuito de visualizar as futuras entradas e saídas de caixa. Para Zdanowicz (1989, p.50) o fluxo de caixa “é um mecanismo pelo qual o administrador financeiro irá manter uma estrutura de informações que permita planejar os ingressos e desembolsos de caixa.” Uma estrutura que demonstra o saldo inicial somando os ingressos, menos o somatório dos desembolsos em determinado período, gerando os recursos financeiros da empresa.

Necessita-se de entrosamento entre os diversos departamentos, setores, seções da empresa, garantindo que as informações recebidas na administração financeira sejam exatas e claras, possibilitando realizar a elaboração do fluxo de caixa de forma adequada. Algumas informações relevantes são citadas por Zdanowicz (2002, p.131):

- a) projeção de vendas, considerando-se as prováveis proporções entre as vendas à vista e à prazo da empresa;
- b) levantamento das cobranças efetivas com os créditos a receber de clientes;
- c) determinação da periodicidade do fluxo de caixa, de acordo com as necessidades, tamanho, organização da empresa e ramo de atividade;
- d) orçamento dos demais ingressos e desembolsos de caixa para o período em questão.

O fluxo de caixa consiste em estruturar as unidades monetárias em dois grandes grupos, o planejamento de ingressos e o planejamento de desembolsos. (ZDANOWICZ, 2002)

Para que a empresa obtenha sucesso através do fluxo de caixa, deve-se observar os seguintes requisitos listados por Zdanowicz (2002):

- Buscar a maximização do lucro possuindo determinados padrões de segurança fixados previamente;
- Assegurar ao caixa um nível desejado, com a constituição de reservas necessárias;
- Maior liquidez nas aplicações dos excedentes de caixa no mercado financeiro;
- Determinar um nível mínimo de caixa desejado a partir das contas que compõem o disponível da empresa;
- Adotar limites mínimos, conforme as experiências adquiridas pela empresa, permitindo ajustes quando necessários; e
- Mesmo seguindo os padrões de segurança, deve investir parte dos recursos disponível, mas nunca além do mínimo necessário para as suas atividades operacionais.

O autor Zdanowicz (1989) explica que para a elaboração do fluxo de caixa é preciso levantar as seguintes informações:

- Projeção das vendas;
- Estimativa das compras e das condições oferecidas pelos fornecedores;
- Verificação das cobranças e dos créditos a receber de clientes;
- Determinar a periodicidade do fluxo de caixa, de acordo com as necessidades da empresa;
- Orçamento dos demais ingressos; e
- Desembolsos de caixa no período.

As empresas utilizam o fluxo de caixa como instrumento de gestão, realizando-o de forma adequada. Identificando quais são os objetivos e as metas

que a empresa quer alcançar, para que o administrador financeiro faça a tomada de decisão de forma rentável, distribuindo os recursos no ativo da empresa.

2.13 Modelo Fluxo de Caixa Projetado, segundo José Eduardo Zdanowiz

O fluxo de caixa é o conjunto de entradas e saídas financeiras projetadas pelo administrador para um determinado período. Para a elaboração do mesmo, devem ser discriminados os valores a serem recebidos e pagos pela empresa, quanto mais especificado for, melhor será o controle sobre os movimentos, verificando as defasagens e aplicando as medidas corretivas. (ZDANOWICZ, 1988)

Segue um modelo de fluxo de caixa elaborado por Zdanowicz, que poderá ser utilizado em uma empresa.

Figura 7: Apresentação do Modelo de Fluxo de Caixa

Cz\$															
Períodos	Janeiro			Fevereiro			Março			...			Total		
	P	R	D	P	R	D	P	R	D	P	R	D	P	R	D
1. INGRESSOS															
– Vendas à vista															
– Cobrança em carteira															
– Cobrança bancária															
– Desconto de duplicatas															
– Venda de itens do ativo permanente															
– Aluguéis recebidos															
– Aumento do capital social															
– Receitas financeiras															
– Outros															
SOMA															
2. DESEMBOLSOS															
– Compras à vista															
– Fornecedores															
– Salários e ordenados															
– Compra de itens do ativo permanente															
– Energia elétrica															
– Telefone															
– Manutenção de máquinas															
– Despesas administrativas															
– Despesas com vendas															
– Despesas tributárias															
– Despesas financeiras															
– Outros															
SOMA															
3. DIFERENÇA DO PERÍODO (1 – 2)															
4. SALDO INICIAL DE CAIXA															
5. DISPONIBILIDADE ACUMULADA (±3 + 4)															
6. NÍVEL DESEJADO DE CAIXA															
7. EMPRÉSTIMOS A CAPTAR															
8. APLICAÇÕES NO MERCADO ABERTO															
9. AMORTIZAÇÕES															
10. RESGATES															
11. SALDO FINAL DE CAIXA															

Legenda: P = Projetado; R = Realizado; D = Defasagem.

Fonte: Zdanowicz, 1988 p.64

Este modelo é apresentado em três colunas, os valores projetados, os valores realizados e as defasagens positivas ou negativas constatadas. As defasagens devem ser analisadas de acordo com o tamanho de sua variação, seja positiva ou negativa, buscando as medidas corretivas a serem aplicadas. Para Zdanowicz (1989, p. 65) “a grande vantagem deste modelo é a sua flexibilidade e a posição diária do caixa, além de permitir a simulação de várias situações financeiras para a empresa.” O mesmo pode ser comparado a uma planilha eletrônica e utilizado através de vários programas.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, inicialmente, descreve-se o enquadramento metodológico do estudo. Em seguida, apresentam-se os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados. Por último, destacam-se as limitações da pesquisa.

Quando se descreve os procedimentos metodológicos que serão utilizados em uma pesquisa, apresenta aos leitores como o estudo foi realizado, identificando os passos seguidos para a elaboração e construção do projeto. Para melhor conduzir o assunto abordado e visando atingir o objetivo proposto, deve-se caracterizar a metodologia da mesma.

Conforme Teixeira (2005 p. 52) “a metodologia da pesquisa deverá instrumentalizar o pesquisador na elaboração e apresentação de suas intenções de estudo bem como na construção de seus relatórios de pesquisa”.

Segundo Kerlinger (1980), delineamento é o plano e a estrutura da investigação para a obtenção de respostas à questionamentos elaborados. O mesmo focaliza a forma pela qual um problema de pesquisa é conceituado e colocado em uma estrutura, para direcionar um foco na exploração, coleta e análise de dados.

Considerando-se os objetivos elencados para este trabalho, pode-se caracterizá-lo como uma pesquisa descritiva, pois de acordo com Barros e Lehfeld (2000, p. 70) “nesse tipo de pesquisa, não há a interferência do pesquisador, isto é, ele descreve o objeto da pesquisa. Procura descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua natureza, característica, causas, relações e conexões com outros fenômenos”.

Os procedimentos para o desenvolvimento do referencial teórico serão baseados em meio a estudos bibliográficos, que tem por objetivo a obtenção de informações necessárias para que se resolva o problema proposto. Segundo Barros e Lehfeld (2000, p. 70) “Para realizar uma pesquisa bibliográfica é fundamental que o pesquisador faça um levantamento dos temas e tipos de abordagens já trabalhados por outros estudiosos, assimilando os conceitos e explorando os aspectos já publicados”.

Outra tipologia da pesquisa adotada foi o estudo de caso. De acordo com Gil (2004, p. 54), este procedimento é entendido como “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, permitindo seu amplo e detalhado conhecimento.” A

Indústria estudada localiza-se em Criciúma (SC) e esta atuando no mercado do têxtil há alguns anos.

Com relação aos procedimentos desta tipologia metodológica se segue as seguintes etapas: inicialmente realiza-se a formulação do problema, seguindo com a definição do estudo de caso, traçando o objeto do estudo. Terminando o planejamento passa-se para a fase de levantamento dos dados, por fim é realizada avaliação e análise dos dados coletados no decorrer da pesquisa, concluindo o relatório final que responde o problema inicial levantado. (GIL, 2004).

Em uma pesquisa qualitativa se dá à interpretação de fenômenos e atribuições de significados. Que conforme Teixeira (2005, p.137)

“Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados.”

Segue no Quadro 5, a metodologia utilizada nesta pesquisa:

Quadro 5: Metodologia Utilizada

<i>Metodologia Utilizada</i>	
<i>Tipologia utilizada aos objetivos</i>	<i>Descritiva</i>
<i>Tipologia utilizada aos procedimentos</i>	<i>Estudo de Caso</i>
<i>Tipologia utilizada na abordagem do problema</i>	<i>Qualitativa</i>

Fonte: Autora do trabalho (2013)

Para efetuar o diagnóstico do processo em questão da empresa em estudo analisou-se o processo de controle de caixa, realizando um acompanhamento do método atual utilizado, observando os pontos críticos, os benefícios, agilidade, eficácia e as falhas apresentada pelo mesmo.

Com isso obtivemos uma visão do que necessita ser realizado para a implantação de um sistema de controle adequando que ajudará a organização nas tomadas de decisão, projetando o seu futuro.

4 ESTUDO DE CASO

Este capítulo tem como finalidade aplicar os conhecimentos adquiridos por meio do estudo bibliográfico, com isto, faz-se a descrição e análise do estudo de caso, onde é oferecida uma proposta de aplicação de fluxo de caixa projetado destina a Indústrias Têxteis. Apresenta-se a empresa objeto de estudo com nome fictício devido ao fato de a mesma não autorizar a sua exposição. Na sequência é proposto a aplicação da ferramenta fluxo de caixa.

4.1 Histórico

A Indústria Têxtil em estudo localiza-se no Sul de Santa Catarina iniciando suas atividades em 1984. Com mais de 18 anos no mercado de moda, a empresa, possui representatividade nacional através de 1.500 pontos de vendas em todos os estados brasileiros que revendem as nossas novidades, de acordo com as tendências de cada estação. Além de Canadá e Estados Unidos, alguns países da América do Sul também comercializam a marca que trabalha com exportação desde 2003.

É uma empresa que se preocupa com a sustentabilidade e a responsabilidade social e já implementou maneiras e as colocou em prática para incentivar seus clientes a darem mais atenção a estas questões.

Há três anos, desenvolve campanha de reflorestamento através do projeto de plantio de Jacarandás. Cada peça da coleção vem com sementes desta planta. Esta atitude tem como principal objetivo conscientizar as pessoas sobre a importância de preservar a natureza. Acredita-se que com esta ação mais de 2 milhões de sementes já foram distribuídas.

Além de ser uma empresa que se preocupa com as questões ambientais, mostra que também pensa nas questões sociais, realiza todo ano uma gincana onde juntamente com os funcionários arrecadam alimentos que são doados para instituições de caridades. A campanha é um sucesso, chegam a coletar em media 3,500 toneladas de alimento por ano que beneficia várias entidades.

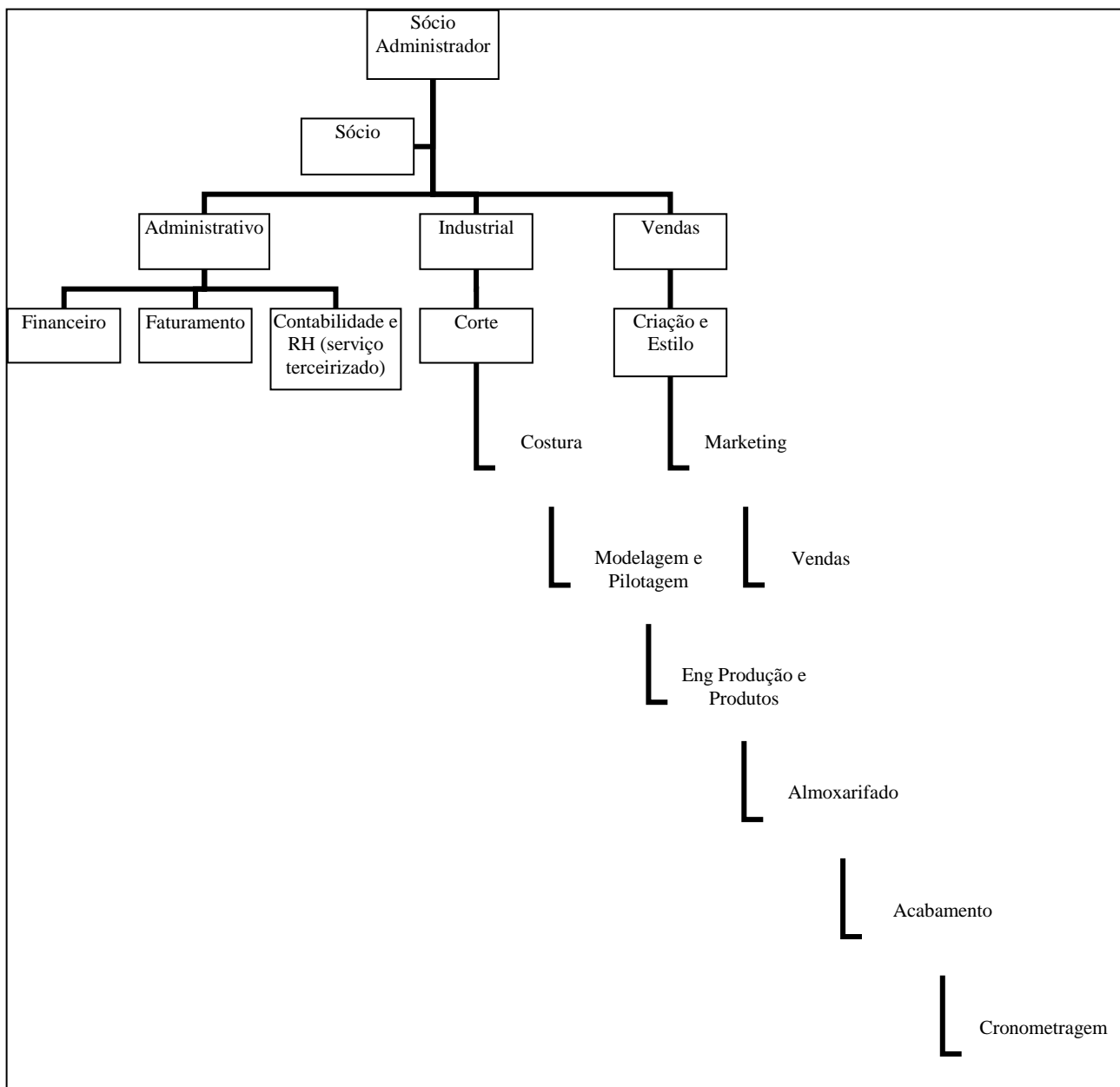
A marca destinada ao público jovem percebe que os mais novos compreendem a necessidade de ampliar e aprofundar a discussão de tais problemáticas e reconhecem a importância de cada um para melhoria da qualidade de vida e saúde do planeta. Por isto, faz questão de mostrar que com atitudes simples como estas é possível agir e fazer a diferença.

4.1.2 Estrutura Organizacional

A estrutura organizacional é o conjunto ordenado das responsabilidades, autoridades, comunicações e decisões das atividades organizacionais de uma empresa, segundo Robbins (2005), as tarefas são formalmente distribuídas, agrupadas e coordenadas dentro da organização. Após definidas e formalizadas as ligações de dependência entre as funções de cada parte envolvida na organização, a estrutura organizacional é delineada de acordo com os objetivos e estratégias da empresa.

O organograma apresentado a seguir apresenta de uma forma simples a estrutura organizacional da Indústria Têxtil em estudo.

Organograma 1: Organograma Simples dos Setores da Indústria



Fonte: Empresa em estudo(2013)

O organograma apresentado demonstra de uma forma simples a distribuição dos setores da Indústria em estudo, cada um conta com uma parcela de informação para a elaboração correta da ferramenta fluxo de caixa.

4.1.3 Portfólio

A Indústria em estudo confecciona roupas em todas as estações na moda infantis e adultas, femininas e masculinas. Possui um grande portfólio de produtos, que é vendido em todos os estados do Brasil inclusive no exterior.

Figura 8: Portfólio de Produtos



4.2 Proposta do Fluxo de Caixa Projetado

Conhecendo a estrutura organizacional da Indústria em estudo, percebe-se a necessidade de um controle financeiro apurado, possibilitando-a projetar o seu futuro conforme seu planejamento para alcançar os objetivos.

Com o a implantação do fluxo de caixa a empresa poderá controlar seu montante de entradas e saídas, preparando-se para gastos futuros e auxiliando os gestores na tomada de decisão.

O modelo proposto, resume-se na diferença dos recebimentos e pagamentos, conforme o Quadro 6 abaixo:

Quadro 6: Fluxo de Caixa Projetado para a Empresa em Estudo

Fluxo de Caixa	M.Ant	Período			Acumulado		
	Valor	V.P	V.R	VAR%	V.P	V.R	VAR%
1 Saldo Inicial							
2 Entradas							
2.1 Faturamento							
2.2 Entradas não previstas							
3 Saídas							
Gastos Variáveis							
3.1 Fornecedores							
3.2 Comissões Representantes							
3.3 Impostos							
3.4 Serviços de Terceiros							
Gastos Fixos							
3.5 Salários							
3.6 Pró-Labore							
3.7 Verbas Rescisórias							
3.8 Água							
3.9 Luz							
3.10 Telefone							
3.11 Internet							
3.12 Combustível							
3.13 Correios							

3.14 Unimed							
3.15 Previdental							
3.16 Material de Escritório							
3.17 Honorários Profissionais							
3.18 Aluguel							
3.19 Viagens e Estadias							
3.20 Associações de Classe							
3.21 Sindicato							
4 Gastos não Previstos							
5 Variação (1+2-3-4)							
6 Novos Investimentos							
7 Saldo Final (5-6)							
Informações Relevantes							
Cheques de Terceiros							

Fonte: Dados da Pesquisa

Na planilha o “M.Ant” é o valor do mês anterior, o “V.P” refere-se ao valor projetado, o “V.R” valor realizado e o “VAR%” são as variações, positivas ou negativas.

A planilha inicia com o item “Saldo Inicial”, correspondente ao saldo de caixa final do período anterior.

No item 2, descreve-se as entradas ocorridas no período em questão, ou seja, a soma derivada dos itens 2.1 e 2.2. O item 2.1 inclui todas as entradas da empresa, que são os recebimentos de clientes e representantes, as formas de recebimentos acontecem a vista, em cheque, boleto e em cartão. Destaca-se que no fluxo de caixa entra apenas os recebimentos em dinheiro e em cheque a vista, ou seja, os cheques pré-datados somente entrarão no caixa na sua data de vencimento. O item 2.2 refere-se as entradas não previstas pela empresa.

O item 3 corresponde as saídas efetuadas no períodos, são subdivididas em variáveis e fixos. Os variáveis são os pagamentos realizados a fornecedores, comissões de representantes, impostos e serviços de terceiros. Como gastos fixos segue os pagamentos descritos desde o item 3.1 ao 3.21, estes valores sofrem algumas alterações no decorrer do ano.

O item 4, serve para o lançamento de alguma despesa que não estava prevista pela empresa e não acontecerá no mês posterior.

Após listada as entradas e saídas, chega-se a variação que é a soma do saldo inicial e das entradas deduzindo o total de saídas no período.

O próximo item é o investimento, que poderá a empresa desembolsar determinado valor conforme planejado anteriormente, para a aquisição ou modernização de maquinários, móveis e outros investimentos destacados como necessários a indústria.

O saldo final consiste no resultado obtido pela diminuição entre o item 5 e 6 da planilha.

As informações relevantes são as diretamente ligadas ao capital de giro, necessário ao funcionamento da empresa. E também tem os cheques de terceiros que ao final do período verificamos com o total do saldo em caixa.

Cabe esclarecer que a planilha deve ser utilizada conforme a necessidade da empresa, sendo delimitada pelo administrador, pois a intenção da mesma é fornecer informações para o auxílio na tomada de decisão. Com a aplicação correta da planilha de fluxo de caixa o gestor irá se beneficiar com as informações geradas pela mesma, atingindo um resultado satisfatório.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi demonstrar os benefícios da implantação do fluxo de caixa como instrumento de controle financeiro, evidenciando seu conceito através das teorias existentes e fazendo um levantamento de um modelo para uma Indústria Têxtil de Santa Catarina.

Para o sucesso da empresa faz-se necessário o entrosamento de todos os setores da mesma. Levantando as informações necessárias para uma administração financeira de qualidade.

O ponto importante da administração financeira é o fluxo de caixa. O mesmo deve ser elaborado conforme a necessidade de cada empresa, buscando evidenciar a atividade preponderante na empresa e seus efeitos na gestão financeira. Para uma boa análise do fluxo de caixa previsto e realizado, conforme demonstrado, é necessário que o administrador financeiro conheça todas as operações da empresa e que cada departamento repasse as informações corretas para a elaboração do fluxo de caixa.

Com isso pode-se aplicar a ferramenta fluxo de caixa que possibilita ao gestor tomar decisões seguras sobre o negócio, com base na liquidez e nas informações históricas da empresa, direcionando-a ao crescimento com recursos planejados e próprios.

O estudo contribui para a extensão do fluxo de caixa como instrumento de gestão financeira. E para a conscientização dos administradores a adotarem ferramentas que auxiliem na tomada de decisão, Além de fazer a interação entre a contabilidade e a administração.

O objetivo geral desse estudo foi desenvolver um modelo de fluxo de caixa projetado para uma indústria têxtil de Santa Catarina, sendo que após o levantamento dos dados chegou a um modelo específico conforme a sua necessidade. Possibilitando ao administrar planejar as supostas sobras e faltas de caixa.

Esse controle é útil tanto quando a empresa está crescendo e aumentando suas atividades quanto no momento em que apresenta prejuízo, tornando mais fácil a visualização de problemas que estão levando a esse prejuízo, pois segundo Zdanowicz (1992) é fundamental que o administrador financeiro saiba gerir corretamente os recursos alocados na massa patrimonial ativa da empresa e

independente do porte: micro, pequena, média ou grande empresa. Assim, a administração financeira ganha importância no sentido de auxiliar os administradores a tomarem decisões, tanto no que se refere aos financiamentos, quanto a investimentos.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY, Robert N. **Management Accounting. Learning System Co.** 1970.p.33
- ANTHONY, Robert Newton, 1916. **A contabilidade gerencial: Uma introdução à contabilidade**; traduzido por Luiz Aparecido do Caruso. São Paulo: Atlas, 1979. 483p.
- ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro.** 3 ed. São Paulo, Atlas, 2007.
- ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 211
- ATKINSON, A.A et al. **Contabilidade gerencial.** São Paulo: Atlas, 2000. 812p.
- BARBIERI, Geraldo. **Demonstração das origens e aplicações de recursos: apresentação de um modelo para bancos comerciais. Dissertação de mestrado.** - São Paulo: USP/FEA, 1987.
- BARROS, Aidil da Silveira Barros; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia: um guia para iniciação científica.** 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000. 122 p.
- CAMPOS FILHO, Ademar. **Demonstração dos Fluxos de Caixa.** - São Paulo: Atlas, 1999.
- CHAGAS, F. C. D. **O segredo de Luísa.** São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.
- CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade Gerencial: teoria e prática.** São Paulo: Atlas, 1998. 273p.
- DECCA, Edgar Salvador. **A Revolução Industrial e o Cotidiano.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2004.
- GITMAN, L. J. **Princípios da administração Financeira.** 7. ed. São Paulo: Harbra, 1997.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios da administração financeira – essencial.** 2ªed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 610p.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira.** 12ªed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010. 775p.
- GROPPELLI, A.A. **Administração financeira.** 2ªed. São Paulo: Saraiva, 2002. 496p.

HENDRIKSEN, Eldon S. e BRENDA, Michael F. Van – **Teoria da Contabilidade**; tradução de Antônio Zorrato Sanvicente. – São Paulo: Atlas, 1999.

HOJI, Masakazu. **Administração financeira: uma abordagem prática**. 3 ed. Sao Paulo: Atlas. 2001.

INTERNATIONAL FEDERATION OF ACCOUNTANTS/INTERNATIONAL MANAGEMENT ACCOUNTING PRACTICE STATEMENT. **Management Accounting Concepts**. Relatório Revisado de Março de 1998. p.4

IUDÍCIBUS, S. **Contabilidade gerencial**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1978, p.15

IUDÍCIBUS, Sérgio de, et. all. **Contabilidade introdutória**. 9 ed. - São Paulo: Atlas, 1998.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Contabilidade gerencial**. 4ed. São Paulo: Atlas, 1987. p.15

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Contabilidade gerencial**. São Paulo:Atlas, 1993. 4ed. 308p.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS Eliseu e GELBECKE, Ernesto Rubens. **Manual de Contabilidade**. 2ª ed., São Paulo: Atlas, 1981.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; KANITZ, Stephen Charles; RAMOS, Alkíndar de Toledo; CASTILHO, Edison; BENATTI, Luiz; FILHO, Eduardo Weber; JÚNIOR, Ramon Domingues. **Contabilidade Introdutória**. 10ª Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2006.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; GELBECKE, Ernesto Rubens. **Manual de Contabilidade: das sociedades por ações (aplicável às demais sociedades)**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU, 1980.

LEI Nº 11.638, 28 dezembro 2007. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11638.htm> Acesso em: 27 de agosto de 2013.

MARION, José Carlos. **Contabilidade básica**. 8ª Edição, São Paulo: Editora Atlas S.A. 2006

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem gerencial**. 7ªed. São Paulo: Atlas, 2010. 372p.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil**. 6ªed. São Paulo: Atlas, 2009. 629p.

PADOVEZE, Clóvis Luís; BENEDICTO, Gideon Carvalho de; LEITE, Joubert da Silva Jerônimo. **Manual de contabilidade internacional: IFRS – US Gaap – BR Gaap**. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2012.

RICARDINO, Alvaro. **Contabilidade gerencial e societária: origens e desenvolvimento**. São Paulo: Saraiva, 2005, p.255

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. Tradução Reynaldo Marcondes. 11ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2005.

SÁ, A. M. L. de. **Dicionário de Contabilidade**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

SANTOS, Ariovaldo dos. **Demonstração do valor adicionado: Como elaborar e analisar a DVA**. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2003.

SANTOS, José Luiz dos; SCHMIDT, Paulo; GOMES, José Mário Matsumura; FERNANDES, Luciane Alves. **Contabilidade Geral**. 3ª Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2011.

SANVICENTE, Antonio Zoratto. **Administração financeira**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1993.

SEBRAE. Legislação. Disponível em: <<http://www.sebrae-sc.com.br>>. Acesso em: 05 de agosto de 2013.

SENAC. DN. **Introdução à contabilidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1999.

SILVA, César Augusto Tibúrcio; TRISTÃO, Gilberto. **Contabilidade básica**. 4ª Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2009.

SIMON apud MACINTOSH, N.B. **Management accounting's dark side**. CA Magazine, Toronto, Part1, p.40, 1994.

SOUZA, Luiz Eurico de. **Fundamentos de Contabilidade gerencial: um instrumento para agregar valor**. Curitiba: Juruá, 2008. 332p.

SZUSTER, Natan; CARDOSO, Ricardo Lopes; SZUSTER, Fortunée Rechtman; SZUSTER, Fernanda Rechtman; SZUSTER, Flávia Rechtman. **Contabilidade Geral**. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2007.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 3. Ed Petropolis, RJ: Vozes, 2005. 203 p.

WARREN, Carl S.; Reeve, James M.; Fess, Philip E. **Contabilidade gerencial**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001. 463p.

YOSHITAKE, Mariano. e HOJI, Masakazu. **Gestão de Tesouraria: controle e análise de transações financeiras em moeda forte**. São Paulo: Atlas, 1997.

ZDANOWICZ, J. E. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiro**. 10. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004

ZDANOWICZ, Jose Eduardo. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiro**. 9. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de Caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiro**. 3ªed. D.C.Luzzato Editores, 1989. 270p.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de Caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiro**. 3ªed. D.C.Luzzato Editores, 1988.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiro**. 1 ed. Porto Alegre: Atlas, 1986.